

I

— Ninguém há de arrancar-me um «ai» — dizia Twainy.

A verdade é que ninguém tencionava arrancar-lhe coisa alguma.

Twainy estava sozinha, tão sozinha que o próprio vento se afastava dela, assustado com tanta solidão.

Twainy não era bem uma pessoa. Mas também já não era transparente. Estava numa fase vegetal. Tinha uma flor no alto da cabeça, a cara como uma maçã, e pés de pau. Parecia um arbusto, mas andava. Provavelmente ia tornar-se rapariga. Mas pouco percebia do assunto.

Achava-se sentada numa pedra. Havia ervas a perder de vista. Mas de família ou conhecidos, nada. Pássaros, sim. Bem grandes, lá nos ares. Gritavam certas coisas uns aos outros e reparavam nela, com certeza.

Pareceram-lhe bonitos e antipáticos. Mas sobretudo inúteis. Nenhum deles se interessaria pela sua vida.

Twainy compreendia muito bem que fora abandonada. Mas não fora. Twainy compreendia as coisas pondo nisso sentimentos a mais. A bem dizer, não as compreendia. Tinha tendência para fazer cenas, com uns gestos bastante complicados e um largo esvoaçar da cabeleira, o que acabava por deixá-la a transpirar, deitando um fumozinho pela testa.

A gente dela levantara o acampamento, isto é, deixara as cavidades dos rochedos e os ninhos de visco nas ramagens e partira à procura de outro sítio porque não conseguia respirar. Eram Gente

Pequena, mais pequena que as próprias andorinhas que gostavam de emprestar-lhe os seus ninhos para o inverno. Porque os ninhos ficavam bem estimados com a Gente Pequena a cuidar deles. Quando chegava a primavera e os devolviam, as andorinhas tinham de repor a sua própria ordem, retirando minúsculas caminhas que brilhavam e cogumelos desassossegados que davam cabeçadas nas paredes. Mas os ninhos ficavam com magia depositada nos recantos e podia ver-se à distância que eram ninhos de alta classe, ninhos onde uma música criava um movimento de embalar inconcebível para o barro colado nas paredes.

Mas isto é estarmos a falar do entendimento entre a Gente Pequena e as andorinhas. As andorinhas até mesmo com os humanos conseguem entender-se, o que nos dá alguma ideia do seu bom feitio.

De maneira geral, havia como que um virar do avesso em tudo o que fizera daqueles campos e daqueles bosques um lugar de completa maravilha. Nem mesmo as casas rodeadas de jardins, espalhadas como flores na paisagem, sorriam como antigamente. Tinham grades a protegerem portas e janelas e isso dava-lhes um ar de quem se põe a arreganhar os dentes para os vizinhos. A brisa já não era perfumada e fazia tossir, trazendo um pó cinzento e oleoso. Os esquilos, coitados, e as raposas ficavam presos de um e de outro lado das enormes estradas onde os carros, na sua velocidade, apavoravam. A velocidade transtornava tudo. E a Gente Pequena, que voava, perdia quase sempre o equilíbrio quando os transportes dos humanos abalavam, como um trovão, toda a serenidade.

Mas o pior de tudo, porque, além de acontecer de facto, era um sinal, foi quando começaram a tirar os espinheiros-alvares das pastagens. À volta dessas árvores sagradas nunca alguém se atrevera a pôr a mão: nem a apanhar o que nascia à sombra, nem a limpar, nem sequer a cortar um ramo. Elas seguiam calmamente as estações, todas brancas em maio, depois vermelhas, cobertas pelas bagas.

Às vezes decoravam-nas com fitas e dançavam, prendendo-as entre os dedos, até que se entrançavam todos num só corpo: árvore, fitas coloridas e pessoas. Outras vezes traziam-lhes ofertas, bolsas de renda, laços do cabelo. E as crianças penduravam-lhes brinquedos

quando se despediam da infância e as vozes da Gente Pequena já não tinham capacidade para os alcançar. Todos sabiam que o espinheiro-alvar impunha o seu respeito a todo o humano, inspirando-lhe medo e amizade, um pouco como um cão possante inspira. O espinheiro-alvar tem realmente a força da beleza e a dos picos. Mas não é que as pessoas se esqueciam de tudo o que lhes tinham ensinado ou, se calhar, andavam a nascer defeituosamente, sem o espaço do coração para a conversa dos avós?

É que a Gente Pequena começou a ouvir rum-rum-rum e assustou-se porque aquele era um som destruidor. Os homens empunhavam serras vivas para cortar, já não os ramos excedentes, como as suaves serras de outros tempos, mas toda e qualquer árvore em redor. As serras vivas exibiam o seu urro e tremiam de cólera, roendo e deitando para o chão mesmo aqueles troncos cuja largura se diria indestrutível. Ao fim de algumas tardes, as florestas estavam todas deitadas e as folhas soltavam o seu verde com tristeza, ficando duras e amareladas, dizendo adeus com leves estalidos. E a Gente Pequena bem sabia que as árvores não dormiam daquele modo, que nunca mais iriam levantar-se.

Depois vinha uma enorme mão sem dedos que tinha um homem numa ponta, quando sempre se vira o seu contrário, a mão ser a ponta do homem, e apanhava, para as levar, as árvores sem defesa. E não é que os espinheiros-alvares iam também e que a Gente Pequena levantava um voo muito atordoado, sem saber para onde fugir e onde pousar, soltando gritos como pardalinhos? Qual seria o sentido daquilo tudo, perguntavam. E olhavam uns para os outros, abanando as asinhas com desânimo. Muitos tinham perdido as suas casas, as que eram feitas nos novelos de visco que enfeitavam as copas. No entanto, isso aparecia como o mal menor. Pois para eles desabava o mundo tal como o conheciam e amavam, com as suas cores, bichos e perfumes.

Os humanos voltavam com mais coisas que faziam barulho e misturavam quilos e quilos e quilos de pó cinzento com água e ferros. E depois faziam casas. As casas construía-se a um ritmo que não era normal entre os humanos e a Gente Pequena suspeitava que andava por ali um monstro mágico com o poder da multi-

plicação. As construções de pedra terminadas num telhado com duas chaminés que fumegavam como quem faz renda para oferecer às nuvens um vestido, essas, já desfeadas pelas grades que o medo dos ladrões lhes tinha imposto, iam também caindo pouco a pouco. E os jardinzinhos não podiam respirar.

«Bom! Bom!», ouvia-se exclamar entre a Gente Pequena cujo brilho e leveza se encontravam, por essa altura, um tanto ameaçados. Com o «Bom! Bom!» queriam dizer: «Mau! Mau!» Com o «Mau! Mau!» pensavam: «Estamos fartos disto!» E batiam com os pés, muito ofendidos. Talvez houvesse solução para tudo mas não para o abate dos espinheiros. Era debaixo deles que se reuniam para dançarem ao amanhecer. Era debaixo deles que se curavam de certas crises de melancolia. Era debaixo deles que iam tecendo os fios da sua própria eternidade. O último espinheiro-alvar da região foi arrancado, zás, pela mão enorme na extremidade de um humano maldisposto. Toda a Gente Pequena se agitou. O humano pensou que havia abelhas de roda dele, pois o murmúrio das gargantas indignadas, normalmente inaudível, atingira o volume de som de um grande enxame. E fugiu, sacudindo muito os braços e dando bofetadas a si próprio, fazendo uma tristíssima figura. Quanto ao espinheiro-alvar, já estava morto.

Embora, adivinhando aquele desastre, ainda espalhasse umas sementes dias antes, o facto era que durante muito tempo não haveria árvores sagradas em todo aquele espaço conhecido. Não haveria, aliás, árvore alguma. E a Gente Pequena começava a sentir-se tão mal como quem sofre de asma e tosse, embora nos seus corpos transparentes não existisse nada, nem pulmões. Os nervos que eles tão-pouco possuíam também os começavam a atacar.

Tremiam e, ao tremerem, sacudiam as asinhas mais frágeis do que pétalas, ainda mais finas que as das borboletas. Eram cobertas de poeira prateada com que a Madrinha Lua as salpicava logo à nascença. Se a poeira caísse, eles perderiam a força de voar. Por isso se moviam docemente, cheios de delicadeza e de cuidado. Tremer de medo ou cólera não estava, de modo algum, nos hábitos desta Gente Pequena e eles rapidamente perceberam que o maior dos perigos proviria de perderem o pó das suas asas, por causa dos seus

próprios abanões. A maior parte deles tinha bom senso. Decidiram partir. Visitariam primeiro o Grande Sábio que morava no interior do Monte Bulben e abria uma janela em certas madrugadas para dar consultas de comportamento. O Grande Sábio lhes diria o que fazer.

— Vamos então escolher os emissários.

— Não, vamos todos. Isto aqui é inimigo. E nós próprios já somos inimigos.

— Sim, dos humanos.

— E das nossas asas.

Os Gnomos resmungaram em voz baixa. Eles deviam respeito a quase todos, às Fadas, aos Duendes, mesmo aos Elfos. Porque eram criaturas sem juízo. Queriam pregar partidas e mais nada. Necessitavam de pregar partidas como as ovelhas precisavam de comer. Irem-se assim embora, sem sequer beliscarem os braços dos humanos, azedarem o leite nas tigelas, pintarem as televisões de verde ou entornarem água nos colchões, deixava-os muito, muito aborrecidos. «Ao menos, por favor, para a despedida...», pediam sem que os outros os ouvissem, ocupados nas suas cortesias de deixar cartas para as andorinhas e para os poucos animais que ainda lá estavam, os que tinham buracos para se esconderem.

Os Gnomos gostavam de praticar maldades porque elas faziam todos rir, mesmo os humanos quando lhes calhava papel de espectadores e não de vítimas. O som do riso e o som dos guizos nos seus gorros assemelhavam-se na maneira como punham no ar umas luzinhas amarelas. Sendo Gnomos, não tinham a noção de que o momento era o mais sério das suas vidas. E os outros trataram de

